

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXXVIII) UMA ÁRULA ROMANA PLENA DE ENIGMAS

THE LATIN EPIGRAPH AS A DIDACTIC ELEMENT (XXXVIII) AN ENIGMATIC ROMAN MONUMENT

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

UC – CEAACP

JDE@F L.UC.PT

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-9090-557X](https://orcid.org/0000-0002-9090-557X)

115

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 25/11/2020

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 28/10/2021

Resumo: Prossegue-se no intuito de mostrar como a análise cuidada de uma epígrafe romana pode fornecer informações válidas do ponto de vista da vivência cultural nessa época. Se um texto escrito se destinava, então, ao público seu contemporâneo, um texto gravado visava o presente e o futuro.

Utiliza-se o exemplo de uma epígrafe já conhecida, da Lusitânia, para mostrar a evidência do que se pretende demonstrar. No caso, porém, desta árula romana do Poço de Barnabé, há dois aspectos sedutores: o significado a atribuir à decoração e a tentativa de descobrir que teónimo se esconde sob a sigla com que, na epígrafe, vem identificado. Um desafio para o epigrafista.

Palavras-chave: CIL II 5138, teonímia romana, Lusitânia romana.

Abstract: The study of a Roman epigraph can give us a very real image of the Roman life. In fact, the Roman literary texts show us a daily existence presented to the people of this time; a Roman epigraph was made to the present, we know, but, specially, to the future. An example is done to explain that, even because it's a Roman votive altar with decoration and the deity's name is shown with merely a letter – a challenge for the epigraphist.

Keywords: CIL II 5138, Roman gods, Roman Lusitania.

Tenho procurado explicar, através desta série, como o monumento epigráfico pode constituir objecto concreto através do qual se pode estudar a língua latina neste seu aspecto prático, não literário, mas, por isso mesmo, porventura mais cativante e elucidativo, nomeadamente se tivermos em conta que se trata de textos sucintos, pensados na intenção de transmitir uma mensagem perene.

116

Desta feita, escolhemos um pequeno altar romano, achado no «poço do Barnabé», Cerros Altos (Albufeira), hoje guardado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (Nº de inventário: E 6411), que, dadas as suas características singulares, constitui, na verdade, um desafio para o epigrafista (IRCP 61). Primeiro: o nome da divindade está em siglas; segundo: há, nas faces laterais, baixos-relevos que, à partida, se poderão relacionar directamente com as características da divindade homenageada. Haverá, ainda, um terceiro aspecto, esse já mais do domínio do arqueólogo: saber do contexto arqueológico original para que o monumento foi pensado.

1. UM EX-VOTO

Trata-se do que poderíamos chamar de um ex-voto 'miniatura'.

Ou seja, a intenção do dedicante seria oferecer à divindade (*posuit*, «pôs»), em consequência da promessa feita (*votum*), um altar (*aram*),

onde pudessem mesmo ser sacrificadas vítimas. Em vez disso, quer por imperativos económicos quer pela necessidade de se gerir o espaço onde a oferta seria exposta, optou – como era, de resto, habitual – por mandar fazer uma réplica de pequenas dimensões (tem 40,5 cm de altura e 22 cm na sua maior largura), ainda que com a decoração apropriada.

Assim, teria no capitel a concavidade (o fóculo) para aí se verterem essências a queimar em honra do númen; uma linha de óvalos emprestaria graciosidade ao conjunto. Na face anterior, a inscrição (Fig. 1)

S (*hedera*) S (*hedera*) · D [?]

VOTVM

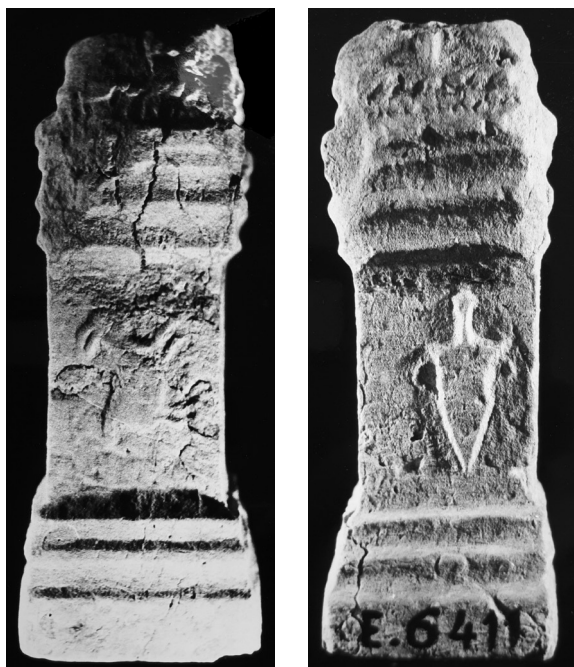
POSVIT (*hedera*)

ARAM (*hedera*?)

PECVLIARIS



Na face lateral esquerda, em baixo-relevo, a imagem de uma cabra estilizada (Fig. 2); à direita, um punhal dentro da bainha (Fig. 3).



118

A superfície trouxe bastantes dificuldades ao lapicida, pois o calcário oolítico não é, de facto, o melhor para receber uma epígrafe. Veja-se, a esse propósito, o final da palavra ARAM.

Uma primeira conclusão a tirar – que também transparece da epigrafia romana da Quinta de Marim, em Olhão (Encarnação 1991) – é que o modelo estético se copia sem dificuldade, enquanto o domínio da escrita se mantém mais difícil de obter. Daí, por exemplo, se ter escrito *votum*, quando se esperaria *voto*, «por voto».

Identifica-se o dedicante na última linha, com um único nome, o que indica tratar-se de um indígena ou de um escravo. Chama-se *Peculiaris*, nome latino que não é frequente: não chegam à meia dúzia os testemunhos até agora registados na epigrafia romana da Hispânia

e, no conjunto da epigrafia do Império, tínhamos, há poucos anos, o testemunho de apenas 76 homens, 8 mulheres e 16 escravos ou libertos (Kajanto 1982, p. 289). É significativo, proporcionalmente, o número de escravos com tal nome, cuja atribuição indicia apreço por parte do dono: o seu escravo era ‘especial’, ‘peculiar’!... , Também aqui, por conseguinte, o dedicante ‘reconhecido’ deve pertencer ao grupo dos escravos.

2. A IDENTIFICAÇÃO DA DIVINDADE

A divindade a que o altar foi dedicado vem mencionada mediante as siglas S S D separadas por graciosas heras de longo pecíolo. Vamos supor que a leitura D está correcta, porque mais parece um T. No contexto, T traria muitas dúvidas, enquanto que D não pode deixar de ser interpretado como a significar D(eo) ou D(eae), «deus» ou «deusa», substantivo comum que vincaria o carácter divino da divindade atrás mencionada.

119

E qual seria ela?

Diga-se, antes de mais, que o facto de se haverem utilizado siglas faz depreender que era fácil saber de que divindade se tratava: ou porque era de culto frequente na zona e todos a identificavam ou porque o monumento se destinava a ser depositado no seu santuário (Encarnação 1985-1986).

A cabra estilizada mostra abdómen dilatado e dá a sensação de estar em posição de saltar. A vontade de, alegremente, se oferecer em sacrifício? E a dilatação, se não resultar de imperícia, poderá manifestar intenção de a sua prole ser também dedicada ao númen protector. Na face lateral direita, o punhal está ainda dentro da bainha, como que para mostrar que tudo está a postos para o ritual propiciatório.

Estas representações adequam-se, todavia, a qualquer númen, pois o sacrifício de uma cabra pode ser feito em honra de todas as divindades, protectoras, como são, dos animais de que a subsistência

humana depende; por outro lado, o punhal simbolizava o acto de matar o animal a sacrificar.

Não são vulgares estas representações nas epígrafes da Lusitânia romana, pelo que se há-de realçar a sua importância, a demonstrar a existência aqui, há dois mil anos, de uma comunidade culturalmente avançada. E até se poderia ver nestes baixos-relevos uma arte que os canteiros de Ferreiras ao longo dos séculos fizeram perdurar, até aos nossos dias!

Sendo assim, há que repetir a pergunta: não se poderá ter uma ideia que divindade se esconde sob as siglas?

Reutilizada na torre da igreja matriz de S. Clemente, em Loulé, foi achada uma ara em que a divindade vem identificada também mediante siglas: D S S. Como nas faces laterais foram gravados um arco e uma aljava, optou-se por ver aí uma dedicatória a Diana: *D(ianae) S(ilvestri?) S(acrum)* (IRCP 58).

A proximidade, formal e geográfica, dos dois monumentos leva a supor que se poderá estar perante manifestações do culto à mesma divindade. Assim, se se ler D no final da linha 1 da árula do Poço de Barnabé, a hipótese de ser *D(ianae)* torna-se verosímil, de preferência a pensar-se numa oferta a *Silvanus*, divindade de cujo culto se não documentam vestígios no Ocidente peninsular. Certo é que, na dúvida, as hipóteses sugeridas têm variado: *S(ilvano) S(ancto?) T (?)*; *S(ancto) S(ilvano) I(nvicto)*; *S(aluti) S(anctae) D(eae)*; *S(ilvano) S(ancto) D(omestico)*; *S(ilvano) S(ilvestri) D(ianae)*. Foi, por exemplo, identificada em *Alba Iulia*, na actual Roménia (CIL III 1154), uma dedicatória *Silvano Silvestri et Dianae*, como também refere Leite de Vasconcellos (1913, p. 504, nota 3).

Sugestões, por enquanto, a dar razão a Leite de Vasconcelos, que concluiu, após analisar as várias possibilidades presentes:

«Em todo o caso, julguei mais prudente colocar a inscrição nas incertas» (1913, p. 505).

Diana não é, de facto, uma divindade de cujo culto se hajam encontrado significativos testemunhos epigráficos na Lusitânia.

Mas ocorreria a pergunta desde logo: não houve, em Évora, o templo a Diana? Sabe-se que não, que foi o senhor padre Manuel Fialho do século XVII quem, na *Évora Illustrada com noticias antigas e modernas sagradas e profanas* (Évora, s/ data), engendrou essa hipótese, que pouco a pouco foi ganhando foros de verdade. O mesmo, aliás, irá acontecer com templo idêntico de Mérida: como o Doutor José María Álvarez Martínez me informou (o que muito lhe agradeço), foi o cronista emeritense Bernabé Moreno de Vargas, autor da célebre *Historia de la ciudad de Mérida* (Madrid, 1633, reimpressa em Cáceres, 1974, p. 79). Moreno de Vargas não esteve com meias-medidas: o templo de Mérida não ficava atrás do famoso Artemísio de Éfeso!...

Quanto a epígrafes dedicadas a Diana, Ana María Vázquez Hoys (1995: 77-82) deu conta de quatro: a citada ara de Loulé (IRCP 57); outra, de Lisboa (HEPOL 24163); a terceira, de Silves (IRCP 57) e a quarta, de Aldeia do Bispo. Com a proposta de leitura desta de Cerros Altos teríamos, então, um mui escasso total de cinco.

121

3. O LOCAL DE ACHADO

Sirva a referência a Aldeia do Bispo para exemplificar um dos caminhos que o epigrafista precisa de palmilhar. Se a epígrafe em si veicula uma mensagem a deslindar, também é certo que o contexto arqueológico, ou seja, o local donde a epígrafe proveio e – melhor ainda, quando tal se lograr saber – o local para onde foi pensada, não deixa de despertar o maior interesse. Em História, como na vida, a mensagem tem um lugar e um tempo e é dentro desses dois parâmetros que importa analisá-la para melhor se compreender o seu alcance.

Como fonte de informação para a inscrição de “Aldeia do Bispo (cerca de Montsancto)” [sic] explica Ana María (p. 81) que recebeu o diapositivo da mão de D. Juan Rosco, de Cáceres, pelo que, de momento, ignorava medidas e circunstâncias do achado. Com base na imagem

leu [D]IANAE / [V]ALERIA / [S]ERENA / V.L.A.S.; datou-a de “mediados del siglo II d. C.”; e remeteu para o artigo, no prelo, intitulado “Una nueva dedicación a Diana en Portugal”, a ser incluído nas actas do *Congreso Internacional de Epigrafía*, Sintra, 1995.

Demoraram essas actas a sair – só viriam a ser publicadas em 2011 – e, por conseguinte, Ana María não publicou ali essa intervenção.

Entretanto, Fernando Patrício Curado teve ocasião de estudar essa epígrafe “nos finais dos anos setenta”, altura em que foi achada, aquando se procedia ao desmonte de uma das paredes do cemitério da Aldeia de João Pires, no concelho de Penamacor. Assim informou no artigo publicado, a 23 de Julho de 2004, no jornal *Reconquista*, de Castelo Branco (p. 39). A pedra fora guardada por José Joaquim Franco Frazão “no seu prédio limítrofe da Horta da Fonte”, donde viria a ser transferida para o Museu do Centro Social. Curado leu [T]ERPNE como *cognomen* da dedicante.

122

Manuel Leitão, desconhecendo este artigo e tendo visitado o Museu da Aldeia de João Pires (Penamacor), acompanhado por João Carreto, viu a ara, que supôs estar inédita, e preparou, por isso, a publicação para o *Ficheiro Epigráfico* de 2017. No que concerne ao *cognomen*, leu como Patrício Curado: [T]ERPNE. Nesse estudo, ao referir os testemunhos epigráficos conhecidos referentes a Diana, acrescenta o que Ana Ribeiro apontara como ser possível adivinhar-se numa árula de *Conimbriga* (2002, p. 194), mas que, na verdade, tal como João Luís da Inês Vaz adiantara (HEp 12 2002 624), a reconstituição proposta é muito forçada, senão impossível, “a partir de los pocos elementos que quedan”, que são [...]NE FE[...].

Ficamo-nos, por conseguinte, com cinco testemunhos conhecidos até agora. E rectifica-se o local de proveniência do mais recente: é da Aldeia de João Pires, do concelho de Penamacor, e não de Aldeia do Bispo, ainda que também esta localidade pertença ao mesmo concelho.

Ocorre, então, indagar: ¿terá sido o “poço do Barnabé” o local de achado do pequeno altar romano que nos ocupa, perto do sítio dos

Cerros Altos, que pertence hoje, administrativamente, ao território da freguesia de Ferreiras, concelho de Albufeira?

Importa, desde logo, considerar o seguinte: por o nome da divindade estar em sigla, deduz-se que, mui verosimilmente, a epígrafe deverá ter sido pensada para figurar num local de culto. Não se desdenharia pensar em santuário edificado, atendendo à pequenez da ara e à necessidade de estar devidamente salvaguardada. O certo é que a observação do terreno nas redondezas não proporcionou qualquer vestígio de eventual ocupação romana. Poderia, pois, partindo nós do princípio de que a ara não foi trazida de outro local (o que também é possível, claro!), ter existido apenas um ambiente propício ao contacto com as divindades, como tantos lugares amiúde nos proporcionam, porque ali nos sentimos bem, há um qualquer ‘génio’ no ar!...

Quicá esta nota possa, por tal motivo, vir a despertar curiosidades. É que Luísa Affonso dos Santos afirma, sem dar lugar a dúvidas: “Os Serros Altos é uma freguesia do concelho de Albufeira” (afirmação errada já em 1972), acrescentando que, na *Carta Archeologica do Algarve* relativa aos tempos históricos, elaborada por seu bisavô, Estácio da Veiga, Serros Altos seria, como outras a que ele aplicou essa terminologia, “povoação extinta ou arrasada e fundição antiga” (1972, p. 129).

Na *Carta Archeologica do Algarve* respeitante aos tempos pré-históricos, Serros Altos vem indicado bem perto da costa. E se tentarmos localizar o topónimo através dos vulgares processos informáticos hoje em voga, aparece-nos a Estrada dos Cerros Altos – e é essa a localização boa do antigo povoado, junto do qual estaria o poço do Barnabé.

São pistas porventura interessantes para, em urbanizações que venham a projectar-se, se observar melhor o terreno, com vista a detectarem-se mais informações. Aliás, que diz a tradição sobre esses lugares? Não haverá por aí lendas de moiras?...

4. CONCLUSÃO

Uma árula pejada de enigmas, portanto, que não é apenas, agora, um desafio para o investigador, mas igualmente um sintoma de que resultava clara a sua mensagem no âmbito da comunidade em que estava inserida. Uma comunidade, pode deduzir-se, de nível cultural acima da média.

Primeiro enigma: a identificação do teónimo. Pender-se-ia de preferência para ver aí um ex-voto à deusa Diana, não tanto pela representação do cervídeo mas levados pelo testemunho de Loulé, pela ocorrência de um terceiro testemunho no Museu de Lagos e por a alternativa – dedicatória a Silvano – se referir a uma divindade ainda menos frequente do que as manifestações do culto a Diana.

Segundo enigma: o significado dos baixos-relevos laterais. ¿Simple decoração sem uma ligação expressa à divindade venerada? ¿Representação simbólica do sacrifício – imolação de um cervídeo – que se gostaria de realmente poder oferecer? ¿Ou cervídeo a simbolizar Diana, qual a corça que, segundo os relatos (Encarnação, 2009, p. 99), sempre acompanhara Sertório, uma transfiguração da própria divindade?

Enigma terceiro: sendo uma árula, carecia de estar resguardada num templo ou num larário. Como sabê-lo, se no local onde foi recuperada não se detectaram, até ao momento, vestígios romanos susceptíveis de nos confirmarem tão pertinente questão?

Não demos, com efeito, realce maior ao texto, embora o tivéssemos explicado; cumpria, desta feita, encarar o monumento epigráfico na sua componente cultural, a sublinhar que, afinal, não são apenas os dizeres que se revestem de importância: há um todo envolvente que urge considerar.

BIBLIOGRAFIA

CIL III = Mommsen, Th. (1873), *Inscriptiones Asiae, provinciarum Europae Graecarum, Illyrici Latinae*.

- Curado, F. (2014), “Novos documentos de Epigrafia latina”, *Reconquista* 3045, 39.
- Encarnação, J. d’ (1985-1986), “Omissão dos teónimos em inscrições votivas”, *Veleia* 2-3: 305-310. <http://hdl.handle.net/10316/26770>
- Encarnação, J. d’ (1991), “A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão): a onomástica enquanto índice sociocultural”, *Anais do Município de Faro* 21: 229-241. <http://hdl.handle.net/10316/21615>
- Encarnação, J. d’ (2009), “Sertório, general romano: guerrilheiro e mito?”, *CEA-MA* 3: 98-105 (versão inglesa: 106-109). <http://hdl.handle.net/10316/10763>
- HEp = *Hispania Epigraphica*, Universidade Complutense de Madrid.
- HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, acessível em <http://eda-bea.es/>
- IRCP = Encarnação, J. d’ (2013, 2ª ed.), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- Kajanto, I. (1982 – reimp.), *The Latin Cognomin*, Roma.
- Leitão, M. (2017), “Ara a Diana de Aldeia de João Pires (Penamacor)”, *Ficheiro Epigráfico* 144, inscrição nº 590.
- Ribeiro, A. (2002), “Manifestações particulares de devoção: as árulas de *Conimbriga*”, in J. Cardim Ribeiro (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa, 193-199.
- Santos, M. (1972), *Arqueologia Romana do Algarve* II, Lisboa.
- Vasconcellos, J. L. de (1913), *Religiões da Lusitânia* III. Lisboa.
- Vázquez Hoys, A. (1995), *Diana en la Religiosidad Hispanorromana. I. (Las fuentes. La diferentes diosas)*, Madrid.

